1108kWh poupados com a HYUNDAI



**Carla Martinho** Ativar alertas

Professora universitária. Área científica: Matemática

# Ensino superior na era digital: porque a tecnologia não chega para trazer os alunos de volta

*Os anfiteatros vazios não são apenas um problema da universidade. São um sinal social de desajuste entre instituições, práticas e vidas reais.*

22 jan. 2026, 00:14

Oferecer

As salas do ensino superior nunca tiveram tanta tecnologia e nunca estiveram tão vazias. Entre plataformas digitais, inteligência artificial e apresentações cada vez mais sofisticadas, perdeu-se muitas vezes o essencial: a razão pela qual um estudante decide sair de casa para ir a uma aula. Este texto discute por que motivo a ausência de alunos não é um problema de disciplina nem de falta de inovação tecnológica, mas o reflexo de práticas pedagógicas que deixaram de dar sentido à presença, num contexto social marcado pela precariedade, pela ansiedade e pelo risco crescente de abandono do ensino superior.

As salas de aula do ensino superior estão cada vez mais vazias,

Existe benefício da dúvida e existe benefício na dúvida.

Plataformas digitais, apresentações multimédia e recursos online multiplicam-se, mas os anfiteatros estão cada vez mais silenciosos. Esta contradição revela um problema que não é apenas académico: ensinar numa era digital não é o mesmo que ensinar com sentido.



Vamos à 2ª volta: 2 candidatos, apenas 1 presidente.

**Ventura e Seguro passam à 2ª volta das eleições presidenciais.**

*Acompanhe tudo com 40€ desconto, por 1 ano.*

Ver planos

Ao longo de mais de trinta anos de experiência no ensino superior, tornou-se claro que a ausência dos estudantes raramente resulta de desinteresse gratuito. É, na maioria dos casos, consequência de escolhas racionais feitas num contexto de forte pressão social, económica e emocional. Muitos estudantes trabalham para conseguir estudar, vivem longe das instituições, acumulam responsabilidades familiares e gerem horários instáveis. Outros cresceram num contexto de relações sociais mais frágeis, marcado por longos períodos de afastamento presencial. Para estes jovens, a decisão de ir às aulas passa, inevitavelmente, por uma pergunta

Existe benefício da dúvida e existe benefício na dúvida.

NEWSLETTER



**Enquanto dorme... O mundo não pára**

Todas as manhãs na sua inbox, tudo o que precisa de saber

Insira o seu email Subscrever

Quando a aula não oferece um valor acrescentado claro, a ausência deixa de ser um problema disciplinar para se tornar uma consequência lógica. E quando essa ausência se prolonga, o afastamento das aulas pode transformar-se num desligamento progressivo da vida académica, frequentemente silencioso, mas com impacto real no risco de abandono do ensino superior.

Esta realidade torna-se particularmente visível quando as aulas presenciais continuam centradas na exposição teórica de conteúdos facilmente acessíveis online. O quadro foi substituído por slides extensos, mas o modelo manteve-se inalterado: comunicação unidirecional, escassa interação e pouco acompanhamento efetivo. A avaliação, muitas vezes concentrada num exame final, reforça esta perceção. Se a presença pouco conta, a aula pouco conta.

Perante este cenário, a tecnologia tem sido frequentemente apresentada como solução. No entanto, a experiência mostra que usar tecnologia não é, por si só, inovar. Há uma diferença fundamental entre integrar ferramentas digitais com intenção pedagógica e utilizá-las apenas para dar um ar de modernização. Gravar aulas expositivas, projetar apresentações longas ou transferir conteúdos para plataformas digitais sem repensar metodologias mantém intacto o problema de fundo: a passividade do estudante. Em alguns casos, esta digitalização superficial pode até acelerar o afastamento, ao reforçar a ideia de que a presença física é dispensável.

A tecnologia só se torna relevante quando é usada para

Existe benefício da dúvida e existe benefício na dúvida.

para discussão, resolução de problemas e aplicação prática, criar momentos de interação real, fornecer feedback regular e acompanhar o percurso dos estudantes são exemplos de práticas que, quando sustentadas por ferramentas digitais bem escolhidas, contribuem para maior envolvimento e compromisso. Explicitar aos alunos para que serve cada recurso utilizado é, muitas vezes, tão importante quanto o recurso em si.

É precisamente aqui que o professor faz a diferença, uma diferença que não pode ser substituída pela inteligência artificial nem por qualquer tecnologia. Nenhuma plataforma, algoritmo ou sistema automatizado substitui a relação pedagógica, a leitura do contexto, a adaptação em tempo real, o acompanhamento individual e a construção de sentido. Não há, por isso, que ter medo da inteligência artificial: há, sim, que integrá-la no ensino de forma consciente, crítica e com clara intenção pedagógica, como apoio ao trabalho docente e à aprendizagem dos estudantes, e não como mera ilusão de modernização.

Nem a tecnologia, nem a inteligência artificial, nem as plataformas digitais substituem a dimensão central do ensino: a relação pedagógica. Ao longo de décadas de docência, torna-se evidente que muitos docentes universitários nunca tiveram formação pedagógica formal e foram socializados num modelo em que ensinar era expor e avaliar era selecionar. Num contexto social marcado pela precariedade e pela ansiedade, a falta de empatia, a rigidez excessiva e a comunicação distante contribuem para que a sala de aula deixe de ser um espaço de aprendizagem e passe a ser um espaço de evasão silenciosa.

A dimensão científica do professor é indiscutivelmente importante, mas é a sua dimensão pedagógica que se revela decisiva para manter os alunos na sala de aula. É por isso que o ensino não pode ser tratado como um efeito colateral da investigação. Tornar a presença relevante passa por estratégias concretas , como o trabalho colaborativo, a interação em aula e a

Existe benefício da dúvida e existe benefício na dúvida.

Tornar a presença obrigatória pode responder a um problema administrativo, mas não resolve um problema pedagógico. Os estudantes não faltam porque podem; faltam porque não encontram sentido. A aula presencial só se justifica quando oferece algo que não pode ser substituído por um ficheiro: interação, reconhecimento, desafio intelectual e acompanhamento humano. Estes elementos são também decisivos para reforçar o vínculo do estudante à instituição e prevenir o abandono.

Os anfiteatros vazios não são apenas um problema da universidade. São um sinal social de desajuste entre instituições, práticas e vidas reais. Se a universidade quer voltar a chamar pelos alunos, não basta digitalizar o ensino. É preciso repensar o que acontece quando professor e estudante estão, de facto, no mesmo espaço.

A tecnologia pode apoiar, mas é o professor que faz a diferença  e é aí que começa a solução.

Receba um alerta sempre que Carla Martinho publique um novo artigo.

Ativar alertas

ENSINO SUPERIOR EDUCAÇÃO

Proponha uma correção, sugira uma pista: leitor@observador.pt

Oferecer

Existe benefício da dúvida e existe benefício na dúvida.